

PARA ALÉM DA MORAL: UMA PERSPECTIVA DE SHREK

Carolina Lanner Fossatti*

Resumo

Este artigo explora a narrativa do filme *Shrek* sob o olhar do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. As idéias do filósofo, principalmente seus questionamentos sobre a moral e os valores tradicionais, são aqui trabalhadas para compreender os temas apresentados no desenho animado.

Palavras-chave

Moral – Contos de Fada – Shrek

Abstract

This paper explores the narrative of the *Shrek* film under the German philosopher Friedrich Nietzsche's perspective. The ideas of the philosopher, and essentially his queries/questioning regarding traditional moral and values, are here developed to understand the cartoons theme.

Key Words

Moral – Fairytales – Shrek

INTRODUÇÃO

Tendo em vista os apontamentos de Nietzsche, nos quais questionamentos pertinentes a valores e à moral são abordados, bem como, acerca da forma como o sujeito posiciona-se frente a estas, faz-se pertinente estabelecer relações entre suas reflexões e o filme *Shrek* (Dreamworks e PDI). Observa-se que as obras de Nietzsche apresentam-se tão atuais ao contexto sócio-cultural vigente, no qual rupturas e quebras de paradigmas vão emergindo, que possibilitam o surgimento de novas construções e possibilidades.

Pressupostos morais relativos ao cristianismo são inquiridos por Nietzsche, uma vez que propõe novas formas de interpretação da realidade, emancipada das verdades metafísicas e da submissão aos dogmas cristãos. Em *Shrek* também emerge um processo de desconstrução, viabilizando uma releitura dos contos de fadas cinematográficos. *Shrek* segue um percurso diferente dos demais contos, uma vez que não se mantém atrelado a padronizações neles impressas. Desta forma, a partir de uma reflexão Nietzscheana, buscará-se estabelecer analogias que aproximam *Shrek* de um contexto favorável ao exercício da vontade de poder.

A moral, os valores tradicionais e a metafísica emergem nos escritos de Nietzsche,

como grandes questões filosóficas. Para tanto, Nietzsche disserta acerca da transvaloração, questionando verdades prescritas, proferindo a inexistência de valores eternos, suspeitando contra dogmas, revelando-se um paranóico existencial. Dentro deste contexto, torna-se possível estabelecer relações entre os pressupostos metafísicos de Nietzsche e a narrativa do conto de fadas no cinema de animação. A fim de possibilitar este estudo, onde os valores morais presentes em contos de fadas cinematográficos serão observados, valer-se-á do contemporâneo *Shrek* (2001 - DreamWorks e PDI).

Shrek conta a história de um ogro, mediado por valores e regras próprias, cuja caricatura e comportamento descaracterizado o distancia dos heróis dos tradicionais dos contos de fadas. Encontra-se também, nos demais personagens, um distanciamento frente à convencional pureza e delicadeza encontradas em contos como “Branca de Neve e os sete anões” ou “Cinderela”. Observa-se, assim, um negligenciamento dos padrões que, pensando no contexto da modernidade, exerceram um papel hegemônico. Dessa forma, perspectivas contraditórias, situações irônicas, ambíguas e híbridas, que decodificam e desconstróem o tradicional conto de fadas cinematográfico, numa perspectiva que podemos caracterizar como pós-moderna, são observadas em *Shrek*.

Os contos de fadas, estudados por Warner (1999), tais como “Cinderela”, “Branca de Neve” e “Rapunzel”, são referenciados como histórias munidas de um conteúdo notadamente moralizante e assustador que, através de seus conteúdos, passavam a transmitir significados manifestos e encobertos acerca de padrões e

criticadas por Nietzsche, marcam impeditivos do desenvolvimento humano.

A notícia de que “Deus está morto” traz implícita a mensagem de que a vida está desprovida de um sentido claramente determinado. Daí sua satisfação: a possibilidade do exercício da vontade de poder, bem como que emirjam valores próprios. O conceito da “morte de Deus” leva a uma crítica da religião e à proclamação da subversão de todos os valores morais e sociais vigentes em favor da criação de novos valores. Na produção cinematográfica, observa-se que a autonomia individual foi retida, tendo no poder outorgado e autoritário um limitante da liberdade, onde podemos estabelecer analogias entre Deus e o príncipe.

A moral contra a qual Nietzsche se revoltou, era uma moral de sujeição, que denominou de “moral dos escravos”. Esta é apresentada como uma moral de submissão, como um recalque covarde frente à expressão pletórica e auto-suficiente da vida, própria da energia e da força dos poderosos. Assim, frente à impossibilidade de conseguir essa plenitude vital, os homens servis teriam reagido com atitudes que não seriam senão a institucionalização da sua fraqueza, revelando-se passivas e atreladas a modelos previamente propostos. Encontra-se no filme, representações desta situação, onde a princesa revela-se marcada por um ideal romântico, característica dos contos de fadas tradicionais, no entanto, ao deparar-se com o diferente, consegue superar a resistência inicial formatando diferentes padrões de percepção e manifestação.

Observa-se em Nietzsche que a moral cristã revela-se como um decadente desejo de insignificância, covardia que aglomera todos os conformismos, vinculando um código de conduta, uma vez que se proclama contra as paixões, evidenciando-se um niilista. Neste contexto, Nietzsche proclama a relatividade da moral, estendendo-a aos conceitos de bem e mal definidos pelo super-homem - aquele que, liberto do jugo da moral dos escravos, pode dar finalidade e sentido ao mundo e a si próprio. Tal fato contrapõe-se com as escrituras bíblicas onde em Jo (14.6) lê-se: “eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao pai senão por mim”, ou em Jo (17.17) “Santifica-os na tua verdade, a tua Palavra é a verdade”. Neste sentido, observa-se que o Cristão não pode enquadrar-se a este relativismo moral, visto que os valores e padrões estão firmados na palavra de Deus.

Paralelamente, em *Shrek*, observa-se que a atuação do príncipe equipara-se a de Deus que, onipotente, determina o caminho da vida, protegendo aqueles que o concebem como detentor da verdade. Mantém sob seu controle e suas ordens todas suas mediações, tendo em suas palavras a verdade e a santificação, não permitindo espaço a oposições ou questionamentos.

Shrek revela uma nova perspectiva do cinema de animação, uma vez que rompe com verdades prescritas, propondo inovações e questionamentos aos modelos vigentes

Evidencia-se em Nietzsche (1985), que percebe na moral, uma problemática relativa a configuração de poder. Assim, o conceito de bom e mau se revela utilitarista, sendo os homens “bons”, aqueles distintos, poderosos, superiores, quem atribuiu ao bom e ao mau estes valores. O autor observa ainda que, implícito na raiz da palavra “bom”, emerge o matiz pelo qual a nobreza se intitulava pertencente a uma classe superior. Como integrantes desta casta eram tidos os poderosos, os chefes, os ricos e possuidores ou, na Roma antiga, o guerreiro.

Contraopondo esta perspectiva, os judeus propõem uma desconfiança acerca da equação de valores concebida pelos aristocráticos. Esta vertente oposta sugere que os desgraçados, os pobres, os impotentes, os pequenos, os que sofrem, os necessitados e os enfermos revelem-se piedosos, dignos da bem-aventurança e benditos de Deus. Já os nobres e poderosos revelam-se fadados ao status de maus e cruéis, ímpios, malditos e condenados por toda a eternidade. No entanto, o bem e o mal continuam sendo foco de muitas discussões, desta forma, a adesão, a crença e o posicionamento frente a determinada moral ou valor, pode ser observado sob uma variedade de pressupostos influenciados pelas perspectivas sócio-histórico-culturais.

Em *Shrek* verifica-se uma transposição aos estereótipos socialmente esperados, para tanto subentende-se uma despadronização dos costumes, resultante de uma descentralização do poder



ou de uma oposição ao mesmo. Assim, não seguindo uma obediência cega às leis e à razão, une o conhecimento ao imaginário que traduz, reinterpreta e transforma conceitos estéticos em formulações imagísticas.

Toda a despadroneização, o diferente, a mistura e a heterogeneização, tão marcantes em *Shrek* ao apresentar heróis desconstruídos, ou anti-heróis, ao revelar uma conformidade com novo, ao romper com as estereotípias com as quais estamos tão acomodados e preparados a reagir, adequam-se ao pós-moderno. Pós-moderno este, que ao romper com valores pré-definidos, encontra amparo nos postulados nietzschianos.

O pós-moderno revela uma aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo, do caótico sem, no entanto, procurar definir os elementos “eternos e imutáveis” nele contidos. Harvey (1993) sugere que é nas fragmentárias correntes de mudança que o pós-modernismo se espoja.

Em *Humano demasiadamente humano* (2001, p.36), no aforisma 28, Nietzsche propõe que o “bom” e o “mau” talvez só tenham sentido em relação ao homem, assim, o mundo não é nem bom, nem mau, melhor, ou pior. Paralelamente, no aforisma 32 (p.38), proclama que os juízos sobre valor da vida são injustos, uma vez que foram illogicamente desenvolvidos. Assim, da mesma forma que o ser é um elemento mutável, oscilante e com disposições pessoais, não se faz possível avaliar de forma justa a relação com um objeto.

Em *Shrek* a moral revela-se utilitarista. O príncipe coage o movimento de todo um reino, a fim de favorecer seus anseios pessoais. O filme exemplifica a moral relativista, na qual o bom, o mau, o certo e o errado variam de acordo com a perspectiva de quem avalia, no entanto, na maior parte do filme impera uma moral sob a qual todos devem submeter-se, a moral que equivale a verdade de Deus.

Shrek finaliza com a coexistência dos diferentes personagens, não mais violentados a submeter-se a uma lei, mas aptos a viverem de acordo com sua própria moral. Mas esta conquista revela-se bastante atribulada, uma vez que é marcada por caminhos árduos e perigosos, característica de situações nas quais paradigmas são rompidos.

A moral impressa nos contos de fadas pode encontrar fundamento no aforisma 40 (Nietzsche, p.49, 2001), quando Nietzsche compara o ser humano com uma besta que deseja ser enganada,

supondo que a moral é uma mentira necessária, sem a qual o homem seria dilacerado. Infere que, sem os erros presentes nas suposições da moral, o homem teria permanecido animal, para tanto, submete-se a leis mais severas.

Ser moral significa prestar obediência a uma lei ou tradição pré-estabelecida, desta forma, bom é aquele que, após longa hereditariedade, pratica voluntariamente a moral, mesmo que seja a vingança, quando integra o bom costume. Observa-se que, mesmo com a mudança de costumes, a benevolência, a compaixão e similares sempre foram interpretados como úteis e “bons para algo”, tendo sido agregado ao bom, o prestativo e o benevolente.

O mal diz respeito ao imoral, à prática de maus costumes, à ofensa das tradições, ao dano ao próximo. Assim, o bem e o mal estariam naquilo que se liga ou desliga-se de uma lei ou tradição.

Observa-se que *Shrek* possui sua base nos valores do cristianismo, que, através de uma mensagem de Providência evoca a uma salvação final, onde o moralmente bom – Shrek -, prevalece sobre o moralmente mau – o príncipe Lord Farquadd. Desta forma, um modo de vida determinado, capaz de disciplinar a vontade e ao mesmo tempo eliminar o aborrecimento, fundamentam a invenção da religião (Nietzsche, p. 247).

Paralelamente, observa-se em *Shrek* uma desconstrução da tradição metafísica, uma vez que apresenta a coexistência do bem e do mal, do belo e do feio, dos valores maniqueístas tão presente nos contos de fadas. Em contrapartida, sugere-se que *Shrek* fundamenta-se em pressupostos do cristianismo, pois mesmo a partir de uma desconstrução dos contos tradicionais, culmina em um final feliz obtido por intermédio de atos nobres.

Cashdan (2000) profere que o ciclo do conto de fadas é composto por uma travessia, um encontro com a bruxa, a derrota da bruxa e um final feliz. *Shrek* revela, de forma particular, ingredientes que formam o ciclo do conto de fadas. Mesmo seguindo caminhos distintos, culmina ao final com uma moral: o que importa em uma pessoa não é a aparência externa, mas aquilo que traz no seu âmago, marcando desta forma um valor reinvestido de propriedade na produção. Poderíamos pensá-lo como um conto que desmoronou o “politicamente correto”, questionando de forma irônica os dogmas hegemônicos dos tradicionais contos de fadas.

CONCLUSÃO

Propostas inovadoras, que questionam o *status quo*, promovem estranheza, mas suscitam importantes reflexões. Nietzsche, ao longo de sua obra foi trilhando este caminho, no qual propõe uma reação à submissão frente aos valores previamente estabelecidos. Para tanto, faz uma crítica ferrenha ao cristianismo, caracterizando-o como aquele que aprisiona o homem à moral dos escravos. A subversão a estas padronizações e a constante busca pela autonomia são apontamentos presentes na obra de Nietzsche e dignos de relações com o filme *Shrek* no que tange o cinema de animação.

Shrek revela uma nova perspectiva do cinema de animação, uma vez que rompe com verdades prescritas, propondo inovações e questionamentos aos modelos vigentes. Perspectiva esta observada através do príncipe e da princesa, que já não se apresentam como os mais belos e bons do reino, mas belos e bons aos olhos de uma parte do reino, os valores tornam-se utilitaristas e relativizados.

Em *Shrek* o ato de ser submisso a figuras de autoridade é questionado, assim como, a figura de Deus em Nietzsche. Impresso em ambas as obras contempla-se a disposição para a subversão à moral e aos valores, representando um grande elo em comum entre estas disposições, permeadas pela transvalorização de sentidos.

NOTAS

* Mestre em Comunicação Social/PUCRS.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BÍBLIA SAGRADA.

CASHDAN, Sheldon. **Os Sete Pecados Capitais nos Contos de Fadas**: Como os contos de fadas influenciam nossas vidas. Trad. Maurette Brandt. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. São Paulo: Moraes, 1985.

_____. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Humano demasiado humano**: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.

WARNER, Marina. **Da fera à loira**: sobre contos de fadas e seus narradores. Trad. Thelma Médici Nobrega. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

FILMES

Shrek (Andrew Adamson e Vicky Jensen, 2001).

